



**QUALIS**  
**A2**



# **A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM ALMA, EM MAÍRA, DE DARCY RIBEIRO<sup>1</sup>**

## **THE REPRESENTATION OF THE CHARACTER ALMA IN MAÍRA, BY DARCY RIBEIRO**

## **LA REPRESENTACIÓN DEL PERSONAJE ALMA EN MAÍRA, DE DARCY RIBEIRO**

**Geuvana Vieira de Oliveira MAIA**  
**Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS)**  
**E-mail: geuvana.maia@unimontes.com**  
**ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-5305-1856>**

**Viviane RODRIGUES**  
**Universidade Federal de Uberlândia (UFU)**  
**E-mail: [viviliteratura@gmail.com](mailto:viviliteratura@gmail.com)**  
**ORCID: <http://orcid.org/0009-0006-0389-9703>**

### **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo discutir a representação da personagem Alma, no livro *Maíra*, de Darcy Ribeiro. Será observado como esse romance evidencia a figura feminina que é trazida como uma retratação do desvio feminino, por diversas atitudes e comportamentos. Ainda será analisado como o narrador evidencia a imagem de uma mulher que rompe com estereótipos através de atitudes que rompe com padrões estabelecidos na década de setenta, do século XX. Alma está inserida nesse contexto sociocultural moderno, e experimenta muitas mazelas existentes nele. Essa mulher está em busca de sua construção identitária e procura recomeçar, assim essa se converte ao Catolicismo para redenção de sua alma interior. No entanto, seus instintos humanos são mais fortes que tais convenções religiosas e sociais e onde quer que essa personagem se encontra, suas atitudes e comportamentos não são conforme a sociedade espera que sejam.

**Palavras-chave:** Representação. Identidade. Personagem. Alma.

---

<sup>1</sup> COMO CITAR: (ABNT): MAIA, G. V. O.; RODRIGUES, V. A Representação da Personagem Alma, em *Maíra*, de Darcy Ribeiro. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Maio de 2026 - Ed. 74. VOL. 02. Págs. 170-181. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: \_\_/\_\_/\_\_.

## ABSTRACT

The objective of the present work is to analyze the representation of the character Alma in Darcy Ribeiro's novel *Maíra*. It seeks to understand how the novel constructs the female figure as embodying a deviation from social norms, as evidenced by various attitudes and behaviors that challenge prevailing conventions. It also examines how the narrator shapes an image of a woman who breaks with gender stereotypes by confronting socially established models in the 1970s. Inserted in a sociocultural context marked by transformation, the character Alma experiences conflicts and contradictions characteristic of modernity. This woman is in search of her identity construction and seeks a fresh start. In this process, she turns to conversion to Catholicism as an attempt at redemption; however, this movement proves insufficient in the face of tensions between her individual impulses and social and religious conventions, since wherever she finds herself, her attitudes and behaviors do not conform to what society expects. Thus, Alma's trajectory reveals the complexity of the relationships between identity, desire, and norms, constituting a space for problematizing representations of the feminine.

**Keywords:** Representation. Identity. Character. Alma.

## RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo analizar la representación del personaje Alma en la novela *Maíra*, de Darcy Ribeiro. Se pretende comprender de qué manera esta obra construye una figura femenina asociada a la transgresión de los patrones sociales, lo cual se evidencia a través de diversas actitudes y comportamientos que tensionan las normas vigentes. Asimismo, se examina cómo el narrador configura una imagen de mujer que rompe con los estereotipos de género al desafiar los modelos socialmente establecidos en la década de 1970. Inserta en un contexto sociocultural marcado por profundas transformaciones, Alma experimenta conflictos y contradicciones propios de la modernidad. En este escenario, la protagonista se encuentra en un proceso de búsqueda de su identidad y de reconstrucción personal. En ese camino, recurre a la conversión al catolicismo como un intento de redención; sin embargo, dicho recurso resulta insuficiente frente a las tensiones entre sus impulsos individuales y las convenciones sociales y religiosas, ya que, allí donde se encuentra, sus actitudes y comportamientos no se ajustan a las expectativas sociales. De este modo, la trayectoria de Alma pone de relieve la complejidad de las relaciones

entre identidade, desejo y norma, configurándose como un espacio de problematización de las representaciones de lo femenino.

**Palabras clave:** Representación. Identidad. Personaje. Alma.

## INTRODUÇÃO

Em *Maíra*, o escritor Darcy Ribeiro cria uma personagem feminina cujo nome é Alma, rompendo com qualquer modelo de estereótipo recorrente da mulher brasileira na época da escrita do texto. Nesse romance, o autor dá voz aos excluídos, subalternos e reprimidos. A construção dessa personagem feminina rompe com o modelo de representação moral do sexo feminino na segunda metade no século XX. Por isso, pode-se dizer que há em *Maíra*, a escrita da história do gênero feminino, neste contexto brasileiro como representação de uma identidade nacional. Sobre esse assunto, Schmidt afirma que:

Assim que revistar a nossa identidade literária cultural escrevendo a diferença na leitura do cânone, na revisão da historiografia literária e no resgate de vozes desautorizadas, em termos de gênero mas também de outras categorias da diferença como raça e classe social, significa reescrever o nosso sentido de nação, o que necessariamente implica conjugar as nossas capacidades efetivas, sociais e intelectuais na primazia a ser dada à sociabilidade e à responsabilidade do nosso encontro com o outro e com o passado (Schmidt, 2002:40).

No século XIX, era recorrente a construção da mulher idealizada pelos escritores de literatura, um autor de literatura brasileira que se destacou naquele momento foi José de Alencar. No entanto, a mulher brasileira de classe baixa, sempre desempenhou atividades relevantes nos trabalhos braçais em diversos lugares do país, no âmbito rural e urbano e ainda em produção, lavoura, agropecuária etc, além de produção de alimentos, como farinha, manuseio de alimentos e muitas outras.

No início do século XX, com o acesso à escolaridade, a mulher brasileira passa a desempenhar função ativa na construção de sua história, uma vez que passou a ocupar ambientes de discussão social como em movimentos trabalhistas, grevistas e comunistas etc. Em *Maíra*, livro publicado em 1970, a história feminina é contada através do olhar masculino, que dá voz a mulher marginal, que foi silenciada neste processo de construção de sua própria história. A personagem Alma, trata-se de uma mulher que representa uma classe social com seus valores, por isso, pode ser considerada a construção da identidade nacional recontada em *Maíra* através da ruptura da representação de gênero. Sobre esse assunto, Heloisa Buarque Holanda asserta que

[...] O estudo das relações de gênero, agora substituindo a noção de *identidade*, passa a privilegiar o exame dos *processos de construção* destas relações e das formas como o poder as articula em momentos datados social e historicamente, variando dentro e através do tempo e inviabilizando o tratamento da diferença sexual como “natural” (Hollanda, 1994:15).

Nas décadas de 60 e 70 do século XX, o Brasil passava por um período de reafirmação nacional, principalmente com a construção de sua capital, a cidade de Brasília, que retoma o processo de desenvolvimento do país. Nesse momento também, houveram conquistas quanto à aquisição de direito dos cidadãos, principalmente quanto o acesso à educação e permanência na escola. Devido a isso, a mulher tem participação mais ativa, representa e luta por direitos de sua classe.

173

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico está construído de forma que explicita os conceitos primordiais sobre a construção de gênero na literatura brasileira. Primeiramente, é realizada uma abordagem teórica sobre a representação da mulher na literatura sob o viés da desconstrução da mulher ideal. Na sequência, foi construída uma abordagem da concepção da personagem Alma. Posteriormente, são apresentados os fragmentos do *corpus* com análise do tema proposto. O referencial com metodologia qualitativa ainda traz uma discussão e análise do objeto da pesquisa que é o texto literário. Por conseguinte, apresenta-se as considerações finais, evidenciando os resultados obtidos e sua importância para os estudos sobre o tema e sobre a obra e o autor.

## **A PERSONAGEM ALMA**

O livro *Maíra* surpreende o leitor com a personagem Alma, que é diferente do esperado para a mulher brasileira na década de setenta do século XX, com liberdade de escolhas e ocupação social. Mas, essa mulher contraria diversos padrões, porque seu comportamento é avesso à estereótipos esperados socialmente, no que diz respeito a “boa” conduta moral social. Segundo a estudiosa Haydée Ribeiro Coelho, “A obra de Darcy Ribeiro está voltada para a criação de uma teoria da cultura que nos explique em um contexto histórico-político e econômico mais amplo. Nesse sentido, o antropólogo discute posições cristalizadas” (Coelho, 2000:91).

No século XIX, a mulher representada nas obras literárias ainda era a burguesa, aquelas que eram diferentes disso, eram criticadas pelos narradores masculinos. Como exemplo, o escritor José de Alencar, representou a cortesã que morreu; a morte era a simbolização de purificação, ou seja, a personagem alcançava a redenção dos

pecados. Outros escritores criaram personagens diferente da mulher ideal, mas ainda sem muita relevância.

A construção da representação de identidade no Brasil é um projeto que vem sendo construído desde o Brasil República. No Modernismo, tal projeto é retomado pelos escritores modernos no século XX. Mas, sabe-se que em *Maíra*, ocorre uma ruptura das concepções estereotipadas, seja de indígena, da figura feminina, ou da própria estrutura da narrativa. Sobre esse livro, Antônio Cândido fez a seguinte assertiva:

Passando à natureza do livro, uma observação inicial: se pudermos dizer que *Maíra* é a seu modo um romance de tipo indianista, isto só terá sentido se for para mostrar a sua originalidade. Não há mais nele a redução lírica ou heroica de José de Alencar, que fala dos índios, e por eles, com a sua plena voz de civilizado que os quer embelezar. Não há tampouco a voz cheia de sarcasmo e humor com que Mário de Andrade desenrola a sátira de *Macunaíma*. Há diversas vozes que instituem a narrativa, cada um conforme o seu ângulo<sup>1</sup> (Cândido, 2007:383).

Em *Maíra*, a nova técnica da narrativa, sua fragmentação, a multiplicidade de vozes, a inovação estética com que trata dos problemas indígenas, tudo isso, coopera para a relevância deste romance. Ademais, sua tradução para muitas línguas evidencia o lugar de cânone que esse texto ocupa, principalmente por sua inovação narrativa. Sobre esse tema, Otávio Paz diz que, “O movimento revolucionário é uma profanação porque derruba as velhas imagens; mas esta degradação se acompanha sempre de uma consagração do que até então era considerado profano: a revolução consagra o sacrilégio. (Paz, 1996:65). Diante disso, a profanação que ocorre, neste romance de Darcy Ribeiro, começa desde o início do livro, quando no primeiro capítulo, antecipa informações que são narradas somente posteriormente. Isso ocorre devido a atemporalidade do texto.

Darcy Ribeiro, em *Maíra*, discute o saber etnológico e o engajamento social, ao analisar comportamentos do homem civilizado no processo de invasão da cultura e das terras dos indígenas brasileiros. Tais temas são recorrentes porque as pesquisas antropológicas que esse homem fez são importantes e relevantes para o tema. No entanto, Ribeiro vai além disso, escreve obras ficcionais com um manejo estético ímpar de grande importância para a literatura brasileira. Nesse romance, o narrador discute o comportamento feminino no cotidiano das tribos indígenas, e focaliza na personagem Alma, que é também narradora de alguns capítulos. Essa personagem é uma mulher que tinha uma vida boêmia no Rio de Janeiro, e que se “converteu” à religião católica como solução para seus problemas existenciais, que estavam relacionados ao envolvimento com drogas e ao desejo sexual desregrado.

No capítulo *Alma*, narrado pela personagem Alma, pode-se perceber que essa mulher possuía um conhecimento intelectual considerável, principalmente comparando-a com as demais mulheres de sua época, teve acesso ao curso superior, cursou psicologia na PUC. No entanto, essa mulher resolveu desempenhar o papel de “freira” no meio dos indígenas, em uma tribo porque era uma forma de fugir da sociedade em que vivia e ir para longe da cidade do Rio de Janeiro. Sobre isso, o texto diz: “Não posso com favelas. Deus não cabe no meio de tanta fome, sexo e maconha”. (Ribeiro, 2007:61). Assim, a personagem vê a reserva indígena como um lugar ideal para viver, mesmo desconhecendo a realidade do local. A personagem é contraditória na medida em que é psicóloga, estudou a ciência de comportamento da mente, mas, busca a religião, como solução existencial e para os problemas emocionais e sociais que vive.

Em capítulos narrados pelos personagens Alma, ou Isaías, ou em diálogos entre os dois, há sempre uma confissão daquela mulher em relação aos seus “erros”. Um exemplo disso, é que no capítulo *Serviço*, também narrado por Alma, em que revela seus íntimos anseios e complexos existenciais, que não foram superados desde a infância/adolescência, e seu envolvimento com drogas, o que resultou em internação para desintoxicação. Além da falta de controle dos desejos sexuais, uma vez que essa mulher não sabia conviver com os homens, sem se envolver sexualmente com eles. Depois de muitas experiências frustrantes, Alma resolveu ir para as tribos dos mairuns, pois necessitava servir a alguém, ser útil. A personagem desejava “salvar” os índios, convertê-los ao catolicismo juntamente com as freiras francesas da Missão de Nossa Senhora do Ó.

No capítulo *Beijo*, fica claro tais anseios religiosos, como pretensão de se libertar dos “erros”, se encontrar, ter uma identidade, além da necessidade interior de ser útil, como pode ser observado no seguinte fragmento da narrativa: “Quero ser uma pessoa com um nome, uma cara, sempre a mesma: hoje, amanhã, qualquer dia. A mesma para mim, para todo mundo, sempre, sempre. Mas uma pessoa que os outros vejam, que achem necessária, que precise dos outros, mas que também ajude.” (Ribeiro, 2007:137). Desse modo, o livro evidencia a vontade de recomeçar da moça que tinha vivido experiências que pretendia esquecer e tomar outra direção em sua forma de viver.

Nesse mesmo capítulo, é claro o desajuste emocional da personagem, através de suas lembranças em que diz não ser tratada como gente, e que tinha por apelido “maçaneta” por estar sempre disponível para se relacionar sexualmente com qualquer homem que a quisesse. Tal apelido, demonstra muito preconceito social, o

objeto maçaneta serve para abrir e fechar a porta, e qualquer pessoa manuseia, então percebe-se que tal “nome” atribuído a uma mulher é preconceituoso e indica que a intimidade da personagem era de acesso de muitos.

O escritor Darcy Ribeiro ao criar a personagem Alma representa a realidade social, pois as mulheres das grandes cidades brasileiras, com a Modernização, subvertem regras comportamentais. Tais rupturas no país, são desde a emancipação financeira, intelectual e social servindo de modelo para todas as demais mulheres do território nacional. Tudo isso é diferente das convicções sociais tidas como modelos comportamentais mesmo no recorrente século, em que as mulheres deveriam ser submissas aos pais e maridos e ainda permanência para a maioria as atividades do lar.

Em *Maíra*, está claro que essas convicções de comportamentos do sexo feminino são tidas como verdades, pois há reflexões feitas pela própria personagem que questiona a si mesma, como é explícito no trecho que se segue: “Por que não aprendo a viver simplesmente? Não como a mãe de família, parideira, esposa ou o que seja, mas como gente?” (Ribeiro, 2007:171). O julgamento da mulher é feito pela consciência que condena os próprios comportamentos, percebe-se que é internalizado na personagem o seu lugar de ocupação na sociedade brasileira, em que deveria agir racionalmente e obedecer às regras sociais.

Desse modo, o comportamento de Alma não era aceito por si mesma, porque essa não deixava de pensar nas concepções sociais e religiosas arraigadas em sua consciência que são recorrentes na sociedade brasileira, que foram impostas a ela, e essa mulher se sente diferente por não encaixar nas regras de comportamentos esperados para as mulheres de sua geração e seu contexto.

No capítulo, *Coracipor*, narrado em terceira pessoa, há um olhar angustiante do sujeito da escrita sobre essa diferença comportamental de Alma, que fala das atitudes de certas mulheres e compara os indígenas com o povo de sua terra:

As mulheres de minha gente Gaviã-carcará desta banda de cá aí estarão por todo lado, dando de comer, falando, rindo, sorrindo gente simpática essa minha. Ninguém diria que umas mulheres lindas tão meigas possam ser tão teimosas. Indomáveis. (...) O defeito deles é serem tão sistemáticos: uns mineirões. É só alguém propor uma novidade ou pôr um pé fora da tradição para eles aprontarem o maior berreiro: que não (Ribeiro, 2007:243).

O trecho refere-se à tradição com seus valores sociais e políticos, pois como é sabido, no Brasil, os avanços tecnológicos e as inovações intelectuais aconteceram mais tardiamente comparando com os países colonizadores. De certa forma, há uma

crítica autoral, porque as rupturas artísticas, sociais e ideológicas não foram bem vindas no momento histórico-político do Brasil, na época da escrita do livro.<sup>2</sup>

Devido seu engajamento político, o autor Darcy Ribeiro se encontrava exilado por crimes políticos, por isso a voz que fala nesse trecho, está refletindo e analisando a situação política da época. Sejam os mineiros ou os brasileiros de forma geral, o eu-autoral representa a identidade de sua nação, sua pátria. Diante disso, a escrita literária denuncia e reescreve a história de uma nação num momento de crise política e ideológica.

Os planos da personagem Alma na tribo indígena, quanto à catequese e ensinamentos religiosos não passaram de sonhos que se diluíram na vivência cotidiana e esses não foram mais lembrados. No decorrer da narrativa, a sua tarefa no meio dos nativos foi de medicá-los, com remédios fornecidos pela FUNAI. Seu objetivo não se realizou porque não tratou das “almas” deles com a religião católica, pois não tinham doenças existenciais e emocionais, como as de Alma, para serem curadas. Essa personagem recebe um novo nome na tribo indígena “Canindejub”, que significa arara-amarela, então ela que passou pelo processo de aquisição de uma nova identidade, uma vez que o pássaro barulhento, que chama atenção e incomoda, como a própria Alma se sentia, ansiosa para “voar”, e foi esta liberdade incondicional que essa personagem encontrou no meio dos mairuns. O romance diz que ela *se sente desenvolta*, ou melhor, se sente à vontade, como uma indígena que se adapta com facilidade às concepções culturais e sociais e até com o trabalho artístico e doméstico da tribo.

O processo de transformação e adaptação cultural e social da personagem, nas tribos mairuns, provoca incomodo em Isaías, que a critica dizendo: “(...) Aliás você não acha ridículo andar com o corpo listrado de jenipapo e com essas rodela de urucum pela cara?”<sup>3</sup> Em um outro momento, esse recrimina, também, seu vocabulário chulo, pois por ser mulher teria que possuir boas maneiras comportamentais e sociais. Assim, o indígena retorna à tribo e considera inapropriado o comportamento da mulher branca, uma vez que o acultramento de Isaías evidencia o que ele também esperada de Alma na reserva. Esse homem viveu o processo contrário ao de Alma, ele foi para a civilização e retorna à tribo catequisado, com a formação de padre, assim, passa a ver a cultura de seu povo de forma diferente, como de um homem branco.

---

<sup>2</sup> Na introdução de *Maíra* Darcy Ribeiro afirma que o escrevera em três versões: a primeira ele estava exilado no Uruguai; a segunda versão ele estava preso quando chegou ao Brasil em 1969; e a última versão escreveu no seu segundo exílio no Peru.

<sup>3</sup>(Ribeiro, 2007:296).

O desejo íntimo de Alma de ser restaurada espiritualmente é frustrado, pois seus desejos sexuais continuavam aflorados e desregrados o que proporciona receber o nome de mirixorã, que significava para os índios mulheres que não se casavam nas tribos e estavam disponíveis para se relacionar com qualquer homem.

Ao lado de Alma há Isaías, que representa o Catolicismo em determinados momentos do livro, devido ao aprendizado para ser padre no seminário. O homem fala para essa mulher das regras do mundo civilizado e cristão, lembrando-a que sexo é pecado e fornicção. O processo de catequizar os indígenas é tratado nas literaturas de Língua Portuguesa desde o século XVI com o Humanismo em obras de Gil Vicente como o teatro *Auto da Alma*, que discute os pecados da sociedade portuguesa com o intuito de corrigi-la.

Em alguns autos do Padre Anchieta como por exemplo, *A Aldeia de Guaraparim*, escrito no período de colonização do Brasil, com o projeto de catequese da igreja católica, época em que os jesuítas acreditavam que podiam ser os “médicos” dos índios, para salvar-lhes as “almas”. Por isso, constantemente, nos diálogos entre os dois personagens, Isaías age como a razão de Alma, que a conscientiza das regras sociais e religiosas do mundo civilizado, que não conseguem mais restabelecer a personagem Alma do caos existencial em que se encontra.

Pode-se dizer que o livro *Maíra* insere uma mulher que representa a sociedade brasileira sob o viés da diferença, que possui problemas existenciais e que não cabe mais no padrão social até então estabelecido como verdadeiro desde o período da colonização. Isso ocorre porque Alma não se adequou à sociedade carioca, e resolveu ir para o mundo considerado não-civilizado para os brancos, porque lá essa mulher não tinha problemas de se adaptar às normas de civilidade da tribo. Então, Alma não tinha dificuldade de viver como indígena, como se encontra no seguinte trecho da narrativa: “Só pensava no verdadeiro gozo de viver que, afinal, encontrei aqui e ainda o que eu quero é ter o que fazer aqui, isto eu tenho até de sobra. E o amor graças a Deus não me falta.”<sup>4</sup> É explícita a dualidade da personagem instável e inconsequente dos atos. A tribo funcionava como fuga das instituições imposições que Alma não queria ser subornada. O livro deixa explícito que nem a maneira rudimentar de seu parto na tribo mairuns motivou a personagem voltar ao Rio de Janeiro para ter seus filhos. Assim, permaneceu na tribo durante toda a gravidez, até que foi encontrada morta por causa do parto dos filhos gêmeos.

---

<sup>4</sup> (Ribeiro, 2007: 316).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este texto provém de uma leitura analítica sobre o romance *Maíra*, de Darcy Ribeiro, com o intuito de realizar uma análise da personagem feminina, tema em que instiga interesse sobre o modo como o escritor mineiro Darcy Ribeiro representa as mulheres em sua escrita ficcional. Ao realizar a análise do texto literário surpreendentemente teve conhecimento de que esse escritor realizou estudos sobre os indígenas brasileiros e a construção da identidade conforme sua formação a Antropologia. No entanto, o autor atuou como escritor literário e trouxe seu conhecimento para a ficção e deixou um legado para a literatura brasileira. Ademais, o referido escritor conviveu nas tribos indígenas e viveu a cultura e as invasões. A escrita ficcional deste escritor mineiro evidencia marcas de sua identidade como um sujeito letrado, intelectual, estudioso e pesquisador que se debruça sobre assuntos indígenas.

O estudo proposto neste texto, evidencia a forma como a personagem Alma é construída neste livro e apresenta uma mulher com dilemas existenciais, que sai do ambiente urbano e se desloca para a aldeia em busca de se encontrar e construir uma identidade. Diante da análise da obra ficcional e da pesquisa bibliográfica, afirma-se a literatura é uma área de conhecimento que requer análise pertinente temática e referencial. Tais resultados analíticos servem para evidenciar que a personagem ficcional é construída por algum viés social e identitário. Este estudo é apenas uma análise que serve para valorizar e visitar a escrita do escritor mineiro Darcy Ribeiro para conhecimento dos estudos na área e divulgação de sua obra.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada no estudo é metodologia qualitativa, pois, ao longo da coleta de dados verificou-se os aspectos relacionados tanto a objetividade, quanto à subjetividade dos fenômenos estudados. Além disso, recorreu-se à pesquisa bibliográfica com a finalidade de desenvolver, esclarecer e relacionar conceitos e ideias, visando à formulação de estratégias para futuras investigações sobre a análise do texto literário. Para os autores Lakatos e Marconi (2001), essa pesquisa de referências ou bibliográfica constitui etapa fundamental em todo trabalho científico, porque consiste no exame da literatura científica, com o objetivo de fazer o levantamento e a análise do que se produziu sobre determinado tema.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro *Maíra*, a subversão da construção da figura feminina é a própria desconstrução da mulher que é criada para ter um marido, se casar e cuidar da casa e da família. Alma ansiava por ser amada e útil, desejos que não conseguiu satisfazer no Rio de Janeiro. Com isso, é relevante observar que esta recriação da mulher na narrativa de Darcy Ribeiro, se dá pelo avesso, pois é contrária ao modelo de mulher que naquele momento, no Brasil, ainda deveria ser recatada, e ter o sonho de se casar e constituir uma família. A personagem pode representar o gênero feminino, uma vez que o livro é uma obra de arte e pode recriar o mundo e representá-lo.

É pertinente atribuir o discurso literário em *Maíra* como a construção da identidade nacional, que mostra a imposição do homem civilizado através de diversas maneiras, porque constantemente quer modificar o modo de viver dos indígenas, como por exemplo, o comércio ilegal de troca de pele de animais por instrumentos industrializados. Além da imposição da religião cristã com o catolicismo ou o protestantismo. Há ainda, o abuso de poder com novas demarcações territoriais que invadem as terras indígenas, e os expulsa de suas casas.

Com relação à mulher, há uma desmistificação da figura feminina, com outra condição de ser mulher, que conforme os estudos de gênero de Heloisa Buarque de Hollanda, um indivíduo representa por meio de uma classe, um sistema simbólico, por desempenhar atribuições com valores hierárquicos e sociais.

A representação da mulher com a personagem Alma pode provocar aversão no leitor com as evidências de seus desejos, anseios e carências, porque essa mulher desconstrói a representação de uma classe estagnada, com os seus modelos impositivos de conduta moral e social a serem seguidos. Na sociedade brasileira, ainda prevalece resquícios do patriarcado, com a imposição machista que recrimina a mulher por infringir regras sociais, até então estagnadas como verdades. E, o grito de dor feminino de insatisfação, submissão, indignação foi sempre silenciado neste contexto, mas a mulher luta para ter voz neste espaço social e cultural; ademais, a literatura é um lugar que a mulher passou a ter voz na escrita de alguns homens, e essa voz ecoa mais ainda na escrita realizada pelas próprias mulheres.

No último capítulo, o *Indez* aparece diversas vezes que se cruzam, e nele o *Major* fecha a investigação sobre o motivo da morte de Alma. Percebe-se o *Major* e o amigo da morta, *Queco*, do Rio de Janeiro, que considera Alma como louca, por estar vivendo no meio dos indígenas conforme seus costumes. É recorrente os homens usarem de misoginia e se referirem às mulheres que não se comportam como eles

esperam, serem denominadas de loucas. Assim, o que é mesmo a loucura? Uma mulher que tem anseios e desejos diferentes e não submete às imposições sociais recebidas e quer fazer diferente da maioria das mulheres? Ou simplesmente, por ser uma mulher que subverte os papéis considerados corretos pelos homens?

## REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antônio. *Mundos cruzados*. In: RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

COELHO, Haydée Ribeiro. A recepção crítica de Darcy Ribeiro na América Latina. In: PEREIRA, Antonieta *et al.* (org.). **Literatura e Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Tendências e Impasses** – O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PAZ, Otávio. **Signos em Rotação**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Escrevendo gênero, reescrevendo a nação: da teoria, da resistência, da brasilidade. In: DUARTE, Constância Lima *et al.* (org.). **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, 2002. v. 1.